

XALA / 1975

um filme de Ousmane Sembène

Realização: Ousmane Sembène / Argumento: Ousmane Sembène, inspirado no seu romance homónimo / Fotografia: Georges Caristan, Orlando López, Seydina D. Saye, Farba Seck / Som: El Hadji M'Bow, Mawa Gaye / Montagem: Florence Eymon / Música: Samba Diabare Samb / Intérpretes: Thieno Leye (El Hadji Aboucader Beye), Miriam Niang (Rama, filha de El Hadji), Seune Samb (primeira mulher), Fatim Diagne (secretária), Younouss Seye (segunda mulher), Moustapha Touré (cliente), Iliamane Sagna (Modu, motorista), Dieynaba Niang, Langouste Drobé, Farba Sarr, Abdoulaye Boye, Papa Diop, Martin Sow, Mamadou Sarr, Makhouredia Gueye, Abdoulaye Seck, Douta Seck.

Produção: Filmi Domirev, Société nationale Cinématographique (Senegal) / Direcção de Produção: Paulin Soumanou Vieyra / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em 16mm (original em 35mm), cor, versão original com diálogos em francês e wolof, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 123 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição em Portugal: Setembro de 1976, Festival da Figueira da Foz / Primeira exibição na Cinemateca.

Nota: A cópia que vamos exibir do filme **Xala** - a única que foi possível obter para esta sessão da retrospectiva Ousmane Sembène dadas as muitas restrições que ainda se verificam no empréstimo de cópias de cinematecas em vários países - é uma cópia em 16mm com alguns riscos e pouco contraste. Pelo facto, as nossas desculpas.

“O realizador não deve viver numa torre de marfim, tem uma função social definida a cumprir.”
Ousmane Sembène

Adaptado de um romance homónimo escrito por Ousmane Sembène, **Xala** é um filme determinante no percurso do realizador e na sua cada vez mais feroz crítica à sociedade do seu país e à contínua exploração do impacto do colonialismo e da cultura europeia na cultura africana e no estado presente do Senegal. Polémico pela crítica explícita às elites senegalesas, que representa de modo sarcástico e com humor, **Xala** foi financiado pelo Estado senegalês através da Société nationale Cinématographique, que não queria deixar de apoiar o seu realizador com reconhecidíssimo crédito internacional, que assim se junta à companhia criada por Sembène alguns anos antes, a produtora Domirev, garantindo cinquenta por cento financiamento do filme. Contudo **Xala** não escapou à posterior censura, tendo-lhe sido impostos dez cortes para poder estrear. A crítica a ministros e a funcionários do Estado estendia-se obviamente ao presidente do Senegal, Léopold Sédar Senghor, também ele escritor, que ocupou o cargo durante duas décadas, desde 1960, o ano da independência, até 1980.

No centro do filme está um protagonista individual e o seu “destino”, El Hadji Aboucader Beye, um bem sucedido homem de negócios pertencente à emergente elite negra que acaba de reconquistar o poder, ocupando os papéis dos colonialistas franceses brancos. Esta troca de papéis é extremamente explícita na sequência introdutória de **Xala**, em que se trocam “bustos”,

“pastas” e lugares. Mas, mais uma vez a história narrada em **Xala** tem uma dimensão mais ampla e simboliza a perturbação atravessada pelas nações africanas que então emergiam, e os seus destinos nesse período pós-colonial em que eram confrontadas com tanta esperança e posterior desapontamento.

Internacionalmente **Xala** estreou comercialmente em vários países como França, Estados Unidos e Inglaterra, tendo tido um percurso bastante importante nos principais festivais de cinema. Em Portugal foi exibido no Festival da Figueira da Foz, onde foi premiado. Dentro de portas, o filme foi um êxito de bilheteira, sendo um sucesso junto de uma população extremamente interessada pela quantidade de questões fracturantes que o filme abordava sem rodeios. **Xala**, como outros filmes de Sembène, enfureceu muita gente, pois ataca abertamente a corrupção, a segregação, mas também critica tradições enraizadas ao questionar a subalternização do papel das mulheres na sociedade e a poligamia. **Ceddo**, o filme seguinte, atacará abertamente o Islão, religião dominante no Senegal. A questão da poligamia é determinante em **Xala**, pois o sucesso nos negócios de El Hadji surge directamente associado ao terceiro casamento do protagonista com uma mulher muito jovem e a toda a perturbação que esse mesmo casamento provoca, tanto junto das outras mulheres e filhos, como em todos os que o rodeiam. Por outro lado, a consequente exposição das suas práticas obscuras e a bancarrota acontecerá paralelamente à incapacidade de consumir o casamento e à revelação da sua impotência derivada de um “xala”, uma maldição que lhe foi rogada e que terá de exorcizar, submetendo-se a um ritual de humilhação por parte de mendigos e aleijados que sempre desprezou.

Com um estilo narrativo escorreito, que se afasta de alguma experimentação anterior, **Xala** é no fundo um conto moral e uma parábola sobre o estado do Senegal e de vários países vizinhos, que reproduzem e ampliam práticas pouco recomendáveis e que lidam com um enormes dificuldades em se afirmar como estados independentes, revelando toda a sua impotência. Trata-se de uma narrativa em que a política e a economia se misturam claramente com os assuntos do foro mais íntimo e com a tradição “A modernidade não nos deve fazer perder a africanidade”, ouvimos a dada altura, ou “A poligamia faz parte do nosso património religioso”, responde o protagonista à filha, depois de ela o ter chamado de polígamo e mentiroso e de ele lhe ter batido em resposta, numa reafirmação da sua posição de poder. Ao contrário do que acontecia num filme inicial como **La Noire de...**, a crítica ao racismo e à dominação não se dirige primordialmente aos colonizadores europeus, mas aos ex-colonizados, que assumem os seus papéis, reproduzindo gestos e assumindo práticas pouco lícitas e mesmo um discurso racista e extremamente segregador, que mina as novas democracias em formação. É difícil esquecer um dos diálogos da festa de casamento em que um negro critica a excessiva presença de negros em Espanha para onde viajou de férias e o outro responde “A negritude viaja”. Do mesmo modo, é extremamente feroz a caracterização dos mendigos como “lixo humano” (o modo como são retratados remete imediatamente para o imaginário de Buñuel). Frases extremamente ácidas, num filme igualmente ácido, que na sua crítica a uma sociedade segregadora e consumista e no desenho da posterior “vingança”, não chega contudo aos extremos de um outro feroz grande clássico do cinema senegalês, **Hyènes**, realizado por Djibril Diop Mambéty já em 1992.

No riquíssimo universo de Sembène, **Xala** é assim mais um filme extremamente singular que não tem nada de exótico, em que a tragédia convive com a comédia e com um mundo surrealizante, e em que o realizador prossegue uma crítica à sociedade em que se inscreve, enaltecendo simultaneamente as potencialidades e as possibilidades do cinema. Como nos cartazes da paredes do quarto de Rama, a filha do protagonista, aqui a imagem de Chaplin encontra a de Amílcar Cabral.

Joana Ascensão